

Istoé

4/7/1984

SOCIEDADE

Vida dura no canavial

Pequenas conquistas mudam a vida dos bóias-frias, mas eles continuam longe do paraíso

As mãos secas, duras, mas já ligeiramente trêmulas, João Feliciano da Silva, 60 anos, 46 dos quais dedicados ao corte da cana na zona rural de Pitangueiras, São Paulo, ainda enfrenta diariamente cinco ruas de canavial, onde corta as 4 toneladas que lhe garantem magros 150 mil cruzeiros mensais. Pai de dez filhos, João Feliciano sonha unicamente com a sobrevivência. "Quero a minha aposentadoria, não vou ficar pedindo dinheiro aos meus filhos", reclama o veterano bóia-fria cujo rosto ilustra a capa desta edição. Antigo colono criado e vivido no campo a quem a expansão do consumo de álcool remeteu a um casebre da periferia de Pitangueiras em meados da década passada, ele agora está condenado a montar num caminhão às 5 da manhã para alcançar seu posto de trabalho meia hora depois e ainda tem pela frente ao menos cinco anos dessa rotina cruel antes de chegar à sonhada aposentadoria.

Como João Feliciano, entretanto, essa conformada paciência pertence ao passado. Até pouco tempo mantido à margem das preocupações do país, o enorme contingente de trabalhadores rurais da cana — 450 mil no interior de São Paulo, um terço dos quais na zona de Ribeirão Preto, o maior pólo brasileiro de açúcar e álcool — começa a mostrar sua força. Nos últimos sessenta dias, alguns milhares de trabalhadores mais jovens, incomodados com essa realidade e que apenas começam a tomar consciência de sua capacidade para reivindicar melhores salários e condições de trabalho, movimentaram-se ameaçadoramente em cidades outrora tranquilas, como Guariba, Pitangueiras, Pontal e Sertãozinho, apresentando reivindicações inéditas, surpreendentes mesmo.

Eles querem, por exemplo, que sua carteira de trabalho seja assinada pelas usinas ou pelos fazendeiros fornecedores de cana, e não pelos "gatos", os em geral detestados intermediários que contratam a mão-de-obra para os fazendeiros, mordem as duas partes a que prestam serviços, indistintamente, e aos trabalhadores garantem no máximo sete meses de trabalho por ano. Os bóias-frias esboçam uma tênue participação nos sindicatos de trabalhadores rurais, começam a organizar comissões para negociações com os patrões e já exigem garantias para esses representantes, como estabilidade no emprego. Exigem sobretudo o cumprimento, em todo o Estado, do Acordo de Guariba, arrancado dos patrões em maio passado, depois que os trabalhadores, num repentino acesso de fúria, depredaram a sede da Sabesp, saquearam um supermercado, bloquearam as saídas da cidade, mantida sob seu controle durante dois dias.

O acordo prevê coisas elementares: melhor pagamento para o produto do trabalho diário, condições para que os bóias-frias fiscalizem a medição da cana cortada, fornecimento de uniformes e ferramentas pelos patrões, por exemplo. Representou um avanço significativo que, quarenta dias depois de firmado, já parece insuficiente aos principais interessados, trabalhadores como Hélio Fiorentino da Silva, que no vigor dos seus 23 anos derruba até 15 toneladas de cana por dia, pode chegar a um salário de 500 mil cruzeiros mensais e interessa sobretudo às modernas empresas que centralizam a atividade canavieira, por sua capacidade de aprender técnicas mais eficientes de trabalho. Hélio foi tratorista aos 14 anos, cobrador de ônibus na capital do Estado durante três meses — "tive medo de São Paulo, tem muito desordeiro e ladrão", ele explica seu regresso rápido ao corte de cana. Ou mulheres como Maria Aparecida da Silva, 39 anos, quatro filhos, viúva há onze anos, que no ano passado perdeu sua grande chance: a filha acertou o nome de uma música que falava em "vida tranquila", no programa de Silvio Santos, mas o automóvel Gol do prêmio escorregou de suas

mãos porque o carnê estava três dias atrasado na tesouraria do Baú da Felicidade. Atrelada à dura realidade do canavial, onde consegue menos de 200 mil cruzeiros mensais, Maria Aparecida ainda lava roupa para fora e, aos domingos, diverte-se com os filhos diante da televisão preto e branco, sonhando vagamente com melhores dias.

(Páginas 32, 33, 34, 35, 36 e 37)